

Estrutura social enawene-nawe: um rápido esboço

Márcio Ferreira da Silva¹

1. Introdução

O presente relatório pretende fornecer um esboço preliminar da estrutura social de um povo aruak da Amazônia meridional brasileira localizado na bacia do Juruena, oeste do Estado de Mato Grosso². Também conhecidos como os "Salumã", os **Enawene-Nawe**, contatados em 1974, permanecem ainda praticamente isolados da população regional, o que tem como reflexo a inexistência de indivíduos que falem o português mesmo precariamente. Os dados lingüísticos sobre os **Enawene-Nawe** não permitem até o momento uma caracterização razoavelmente precisa do idioma nativo, mas apontam inequivocamente para ligações históricas deste povo com os Pareci, localizados ao sul de seu território tradicional (foto 01).

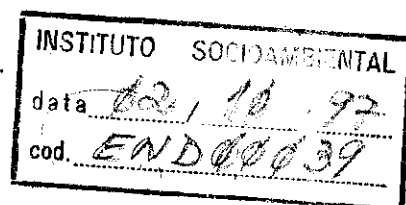


Foto 01: Aldeia **Enawene-Nawe**.

São extremamente pobres as fontes sobre este povo no passado. Neste sentido, Arruda 1984 cita alguns (raros) documentos históricos que fazem menção à presença de população indígena (com etnônimos diferentes) exatamente na região onde vivem tradicionalmente os índios que hoje denominamos **Enawene-Nawe**. Na Corografia Brasília (1817), Pe. Aires Casal afirma, por exemplo, que "*Os Tamaré dominam as adjacências do rio Juyna, primeiro ramo notável dos que engrossam o Juruena pela margem ocidental: os Paccahás vivem ao norte dos derradeiros; os Sarummás mais ao Setentrião, encostados no mesmo Juruena; e mais abaixo os Uhayhás.*" Como assinala Roquette Pinto 1950, Rondon, em uma de suas expedições (precisamente em 1912) teria encontrado "...em plena idade da pedra um grupo

¹ Professor do Dept. de Antropologia do IFHS, da UNICAMP

² Para uma caracterização geral da região onde vivem os Enawene-Nawe, ver HIGA & SILVA neste volume.



que lhe deu o nome nacional de Salumás, vivendo, porém, em Serra do Norte, a mais de 200 kms a noroeste do ponto em que a linha telegráfica atravessa o Juruena".³

Os Enawene-Nawe habitam uma única aldeia⁴, atualmente localizada à margem esquerda do rio Iquê, tributário da bacia do rio Juruena, concentrando uma população de 245 indivíduos (dados de 01 de janeiro de 1995). As atividades agrícolas deste povo se desenvolvem num raio de aproximadamente trinta quilômetros da aldeia. As demais atividades produtivas, notadamente a pesca e a coleta vegetal, levam os Enawene-Nawe a percorrer regularmente toda a região definida pelos limites da Área Indígena e ainda alguns locais adjacentes.

2. O espaço aldeão e os grupos sociais:

a) o grupo residencial, o grupo doméstico e o grupo familiar.

A aldeia onde vivem os Enawene-Nawe apresenta uma configuração circular, contendo dez casas comunais retangulares, dispostas no sentido radial, e uma casa em seu interior, não exatamente no centro.

Porém, ao contrário das aldeias do alto-Xingu onde as casas são construídas no sentido perimetral, a aldeia enawene-nawe se caracteriza por dispor as casas no sentido radial. Além disso, a casa cerimonial apresenta uma forma circular, muito diferente das casas comunais, como no croquis abaixo (fig. 1).

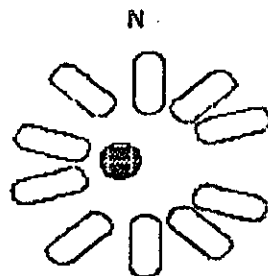


Fig. 1: Croquis da aldeia enawene-nawe:

Internamente, as casas são organizadas em seções, separadas por áreas de circulação comuns, cada uma ocupada por um grupo doméstico. As seções são por sua vez divididas em repartições que abrigam, cada uma delas, uma família nuclear. A população enawene-nawe se distribui nestas habitações segundo um princípio de uxorilocalidade: idealmente, as casas abrigam um ou (o que é mais comum) dois grupos domésticos, cada um deles constituído por um homem, sua esposa, seus filho(a)s solteiro(a)s e suas filhas casadas, acompanhadas de seus maridos e filhos.⁵ O grupo residencial (os habitantes de uma casa) e o grupo doméstico (os habitantes de uma seção de uma casa) constituem unidades sociológicas importantes. O grupo residencial é responsável pela construção e conservação da casa e além disso participa, como unidade corporada, da construção da casa cerimonial.⁶ O grupos domésticos cultivam roças de milho, dispostas em locais distantes da aldeia e organizam as expedições de coleta de mel. A cada grupo doméstico corresponde uma cozinha. As pequenas roças de mandioca,

³ Embora tentadora, uma hipótese de continuidade histórica entre essas populações e os atuais Enawene-Nawe deve ser formulada com cautela. Um primeiro balanço das fontes históricas é fornecido por Busatto neste volume.

⁴ Além da aldeia, composta por uma dezena de habitações organizadas em círculo e de uma casa cerimonial, este povo mantém ainda uma grande quantidade de acampamentos de pesca, coleta e/ou roças, espalhados por uma área extensa de seu território.

⁵ Quando há dois (ou mais) homens "seniores" em uma casa, eles são, via de regra, afins de mesma geração.

⁶ Tive a oportunidade de acompanhar a construção da aldeia atual, durante os últimos meses de 1993.

normalmente vizinhas à aldeia, são de responsabilidade dos grupos familiares (famílias), também encarregados da extração de lenha, da coleta de insetos comestíveis e da pesca em pequena escala. A noite, cada grupo familiar reúne-se em redes de dormir em torno de uma lareira, no interior de seus compartimentos. A quase totalidade dos grupos familiares tem como núcleo um casal. Além do marido e da esposa, estes grupos incluem os filhos solteiros e, eventualmente, pai ou mãe viúvos de um dos cônjuges e os filhos de filha solteira. Mães viúvas ou solteiras de filhos solteiros formam grupos familiares independentes, desde que seus pais não sejam vivos.

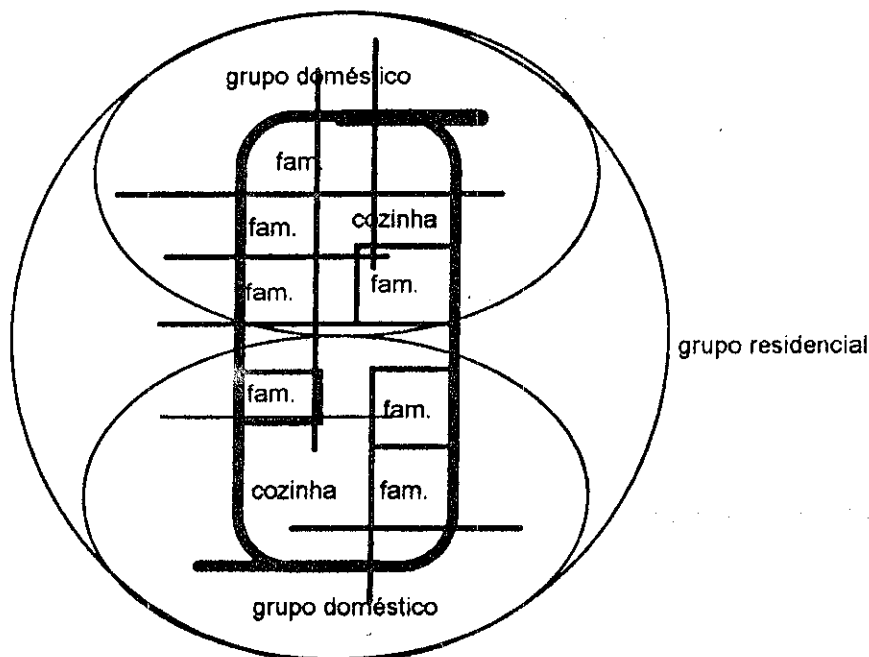


Fig. 2: Croquis do interior de uma casa enawene-nawe ⁷:

b) o grupo exogâmico.

Além dos grupos residencial, doméstico e familiar, os **Enawene-Nawe** se organizam em *clãs*, segmentos patrilineares espacialmente dispersos com funções matrimoniais, cerimoniais e econômicas. Segundo os **Enawene-Nawe**, estes grupos são compostos pelos descendentes de tribos míticas ⁸ que viviam espalhadas por todo o vale do rio Juruena e regiões adjacentes, até que uma série de catástrofes (ataques de tribos inimigas, de espíritos e de onças, dilúvios, doenças, etc.) as dizimou quase que totalmente. Os sobreviventes dessas catástrofes teriam se reunido em torno de (conjuntos de) **yakairiti**, “seres sobrenaturais que habitam o interior da terra”, sob os acidentes geográficos”. Os *clãs*, ou como preferem os enawene-nawe, os **yākwa**, são compostos de “restos” de uma ou (o que parece ser mais comum) de mais de uma tribo mítica. Além disso, “restos” de uma mesma tribo mítica podem figurar em dois *clãs* distintos. Convém assinalar que as tribos míticas, segundo os enawene-nawe, eram fundamentalmente endogâmicas. Enquanto isso, os atuais **yākwa** são unidades rigorosamente exogâmicas ⁹. Desta forma surgiram os **Enawene-Nawe** atuais, que utilizam a categoria **yākwa** para designar ora estes seres criadores do “socius” (portanto uma classe

⁷ Várias casas enawene-nawe abrigam mais de um grupo doméstico (mais freqüentemente dois, como na fig.3).

⁸ Os Enawene-Nawe enumeram dezenas de “tribos míticas”, algumas delas também verificadas entre os índios Pareci, vizinhos ao sul dos Enawene-Nawe e da mesma família lingüística. Curiosamente, essas tribos se apresentam como “culturas incompletas”. Uma, por exemplo, comia animais de caça até aprender com as demais a não comê-los mais. Em compensação, ensinou as demais a usar o *olokort*, adorno peniano. Outra tribo ensinou às demais o uso de roupas de buriti, etc... Os dados coletados até o momento sobre este ponto sugerem um conceito nativo da cultura enawene-nawe como uma “mistura-correta” de tradições distintas.

⁹ Ao contrário do que denomino neste trabalho “tribos míticas”, tais unidades exogâmicas não foram observadas entre os Pareci. Evidentemente, a presença ou ausência destas unidades gera diferenças notáveis entre este povo e os Enawene-nawe. O caráter exogâmico do **yākwa** pode ser verificado em Sá & Silva neste volume.

particular de yakairiti's), ora as próprias unidades exogâmicas por eles criadas (durante alguns rituais).

Segundo os **Enawene-Nawe**, existiam no passado doze **yākwa**, dos quais três desapareceram posteriormente. Os nove **yākwa** atuais são os seguintes: **kawekwarese**, **auresese**, **anihiare**, **kawinariri**, **kailore**, **lulahese**, **mairoete**, **maolokori** e **kaholase**. Os clãs extintos são **atosairi**, **herawareta** e **odawekwaxi**. Os **yākwa** foram responsáveis pela planta ideal da aldeia (por morarem todos juntos) e pela organização da vida cerimonial, que é extremamente rica e complexa.

Os clãs se alternam bianualmente (em rodízio) como **harikare**, papel definido pelos **Enawene-Nawe** como o do responsável pelo cultivo da grande roça de mandioca adjacente à aldeia.¹⁰ São os **harikare** responsáveis pela fabricação dos alimentos de origem vegetal, consumidos durante os rituais que tematizam a reunião dos **yākwa**. O clã que desempenha a função de **harikare** parece representar nas cerimônias as tribos míticas de origem (ou seus "restos"), enquanto os demais encarnam coletivamente os espíritos fundadores do *socius* e são responsáveis pelo fornecimento dos peixes a serem trocados com os **harikare** por alimentos de origem vegetal. Esta estação ritual se estende aproximadamente de fevereiro a setembro, correspondendo aos períodos de enchente, cheia e vazante.

Em tese, a função de **harikare** é desempenhada por um clã de cada vez. Na prática, os clãs muito reduzidos demograficamente tendem a se associar a clãs mais numerosos para o desempenho desta função cerimonial. Os **harikare** são por eles mesmos conceituados como um grupo de consanguíneos, enquanto os **yākwa** são tomados coletivamente como um consórcio de afins.

Em resumo, a morfologia social enawene-nawe define as seguintes unidades sociológicas: o grupo residencial (os moradores de uma casa), o grupo doméstico (os moradores de uma seção de uma casa), o grupo familiar (os moradores de um compartimento de uma seção de uma casa) e o clã (grupo de descendência patrilinearespacialmente disperso (fig.3). O rendimento sociológico dessas unidades pode ser verificado em Santos e Costa Jr. neste volume. Finalmente, o clã e a casa sinalizam para duas dimensões sociológicas opostas e complementares: a consangüinidade e a afinidade, que estão na base do sistema de parentesco, como será observado na próxima unidade.

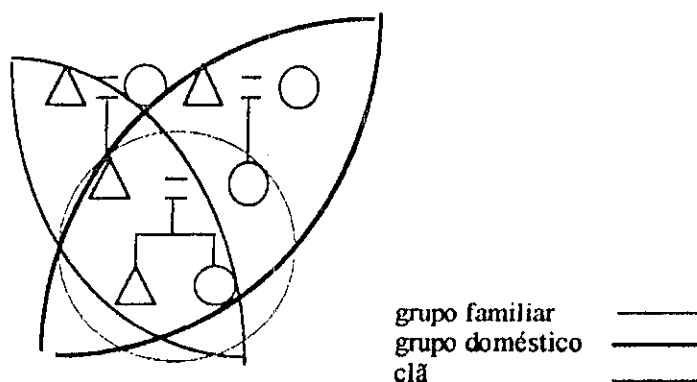


Fig. 3: Grupo familiar, grupo doméstico e clã.

Convém ainda assinalar alguns aspectos importantes sobre a reprodução da casa e do clã:

¹⁰ Ver Santos neste volume.

É raro, mas pode acontecer de um homem não se mudar para a seção residencial do pai de sua esposa e, ao contrário, fixar a residência do casal na casa de seus próprios pais. Este fenômeno, considerado excepcional pelos próprios nativos, só parece ser possível quando associado a fortes razões de ordem prática tais como inexistência de espaço físico para a instalação de mais um grupo familiar na casa.¹¹ Isto nunca implica, convém assinalar, na quebra de suas obrigações para com seus sogros (serviço da noiva).

Entre os **Enawene-Nawe**, um indivíduo, por ocasião de seu nascimento, recebe um nome escolhido pelo pai de seu pai e outro pelo pai de sua mãe. O serviço da noiva faz com que o avô materno “esqueça” o nome por ele conferido, afirmam os nativos. Isso faz com que o indivíduo seja definitivamente integrado ao clã de seu avô paterno (e de seu pai). Mas nem todos os indivíduos têm um pai-social (*pater*), que os Enawene-Nawe fazem questão de não confundir com a figura do pai-biológico (*genitor*). São comuns os casos de indivíduos filhos de mães solteiras (ou temporariamente separadas), que recebem apenas o nome de seu avô materno e passam a integrar o seu clã, independente de se saber ou não quem é seu pai-biológico. O que parece importar na fórmula de recrutamento ao clã não são as relações de “sangue”, mas a paternidade-social, fenômeno diretamente associado ao universo da troca, dos direitos e das obrigações entre afins.

2 O sistema de parentesco:

Os **Enawene-Nawe** exibem um sistema de parentesco que, de alguma forma, parece articular, de uma perspectiva egocentrada, as unidades sociocêntricas observadas acima. Este sistema é caracterizado por:

- (a) fundir parentes lineares e colaterais nas gerações de ego e adjacentes;
- (b) por dividir o universo social em dois tipos básicos de parentes (“consangüíneos” e “afins”)^e
- (c) por não dispor de uma terminologia específica para as posições de afinidade, mas, ao contrário, identificá-las às de “parentes cruzados” (por exemplo, MB=WF, MBS=WB, ZS=DH, etc...) ¹²

Sistemas amazônicos como este foram objeto de minha pesquisa de doutorado (Silva 1993), que enfocou especialmente um caso caribe da Amazônia setentrional, o waimiri-atroari. A pesquisa com os **Enawene-Nawe** vem fornecendo um contraponto extremamente valioso, uma vez que tem sido possível examinar a forma interna e comparar o rendimento sociológico de um sistema de parentesco do mesmo tipo em dois contextos etnográficos distintos, o dos povos aruak da Amazônia meridional e o dos povos carib da Amazônia setentrional.

¹¹ Há um único caso de casamento virilocal supostamente motivado não por razões práticas, mas por pressão do pai do marido.

¹² Convenções: 1. Para a notação de posições genealógicas: F "pai", M "mãe", Pa "pai e mãe", S "filho", D "filha", Ch "filho e filha", B "irmão", Z "irmã", Sb "irmão e irmã", H "marido", W "esposa", Sp "marido e esposa", e "mais velho", y "mais novo", ♂ "ego homem", ♀ "ego mulher", ss "mesmo sexo", os "sexo oposto". 2. Para a descrição do sentido das categorias de parentesco: C "consangüíneo", A "afim", G0 "geração de ego", G+1 "geração dos pais de ego", G+2 "geração dos avós de ego e seguintes, G-1 "geração dos filhos de ego", G-2 "geração dos netos de ego e seguintes", h "parente homem", m "parente mulher".

O sistema enawene-nawe apresenta a seguinte configuração:

		homem		mulher	
		afim	consangüíneo		afim
geração					
G+2		atore		ahiro	
G+1	kokore niñatokwe netai-atokwe	bahare	mamalo	kekerō niñaserō netai-aserō	-
G 0	nowatore nerani noheroi tawiyi(ro)-ekokwe netai-ekokwe tawiyi(ro)-ene nohanui natunawene				
G-1	nodaese tawiyi notene noxiwete-ene noxiwetō-ene	netai		nodaexo tawirō noxineto - -	
G-2		noxiwete		noxiwetō	

A terminologia de duas seções apresentada acima tem como característica mais saliente a proliferação de termos para a afinidade. Convém sublinhar que cerca da metade destes termos havia escapado de um levantamento preliminar por mim realizado em 1989, baseado em registros de campo fornecidos por terceiros. Abaixo, são analisados os termos relacionando-os a posições genealógicas e a hipóteses sobre o modo como se definem segundo a socio-lógica nativa:

termos	posições genealógicas:	sentido:
atore	FF, MF, FFB, MFB, MMB, FMB, etc...	h G+2
ahiro	MM, FM, FFZ, MFZ, MMZ, FMZ, etc...	m G+2

hahare	F, FB, FFBS, FMZS, MH, MZH, etc...	h G+1 C
mamalo	M, MZ, MMZD, MFBD, FW, FBW, etc...	m G+1 C
kokore ¹³	MB, MFBS, MMZS, FZH, SpF, etc...	h G+1 A
niñatokwe	SpF (usado por indivíduos casados sem filhos)	h G+1 A
netai-atokwe	SpF (usado por mulheres casadas com filhos)	h G+1 A
netai-aserō	SpM (usado por mulheres casadas com filhos)	h G+1 A
kekero ¹⁴	FZ, FMZD, FFBD, MBW, SpM, etc...	m G+1 A
niñaserō	SpM (usado por indivíduos casados sem filhos)	m G+1 A
netai-aserō	SpM (usado por mulheres casadas com filhos)	m G+1 A
yayare	eB, eFBS, eMZS, etc... ♀MBS, ♀FZS, etc... (usado por indivíduos solteiros)	h GØ C h GØ A
yayalo	eZ, eFBD, eMZD, etc... MBD♂, FZD♂, etc... (usado por indivíduos solteiros)	m GØ C mGØ A
yuware	yB, yFBS, yMZS, etc... ♀MBS, ♀FZS, etc... (usado por indivíduos solteiros)	h GØ C h GØ A
yuwalo	yZ, yFBD, yMZD, etc... MBD♂, FZD♂, etc... (usado por indivíduos solteiros)	m GØ C mGØ A
nowatore	♂MBS, ♂FZS, ♂WB, ♂ZH, etc...	h GØ A
nowatolo	MBD♀, FZD♀, HZ♀, BW♀, etc...	m GØ A
nohanui	H,W (usado por indivíduos sem filhos, "noivos")	GØ A
nerani	H, HB, ZH, etc... (usado por indivíduos com filhos)	h GØ A
neranetō	W, WZ, BW, etc... (usado por indivíduos com filhos)	m GØ A
netai-ekokwe	(lit. "sogro de filho[a]♀" potencial)	h GØ A
netai-akero	(lit. "sogra de filho[a]♂" potencial)	m GØ A
tawiyi-ene	(lit. "pai de genro♀" potencial)	h GØ A
tawirō-ene	(lit. "pai de nora♀" potencial)	h GØ A
nonatunawene	(lit. "pai de genro ou nora" real)	h GØ A
nonatunawenerō	(lit. "mãe de genro ou nora" real)	m GØ A
noheroi	(glos. "aquele que tem o mesmo sogro"♂)	

¹³ Os homens casados voltam a classificar de kokore o pai da esposa depois do nascimento da primeira criança fruto do casamento.

¹⁴ Os homens casados voltam a classificar de kekero a mãe da esposa depois do nascimento da primeira criança fruto do casamento.

	(o "afim da G-1 de meu afim da G+1)	hGØ A
tawiyi-ekokwe	(lit. "sogro de genro"♂).	hGØ A
tawiro-ekokwe	(lit. "sogro de nora"♂).	hGØ A
nodaese-akero	(lit. "sogra de genro"♀).	mGØ A
nodaexo-akero	(lit. "sogra de nora"♀).	mGØ A
netai	S, D, ♂BS, ♀ZS, ♂BD, ♀ZD, etc...	G-1 C
nodaese	♂ZS, ♂DH (depois que este tem criança), etc...	hG-1 A
nodaexo	♂ZD, etc...	mG-1 A
tawiyi	♀BS, ♀DH (depois que este tem criança), etc...	hG-1 A
tawirõ	♀BD, etc...	mG-1 A
notene	DH (antes de ter criança), etc...	hG-1 A
noxinete	SW, etc...	mG-1A
noxiwete-ene	(lit. "pai de neto = genro", ♀DH)	mG-1A
noxiwetõ-ene	(lit. "pai de neta = genro", ♀DH)	mG-1A
noxiwete	SD, DD, etc...	G-2
noxiwetõ	SS, DS, etc...	G-2

Este vocabulário se estrutura semanticamente com base nas seguintes relações recíprocas:

A. Relações não-marcadas pela oposição "consangüinidade / afinidade":

G+2 / G-2 - atore, ahiro/noxiwete, noxiwetõ

B. Relações de "consangüinidade":

G+1 / G-1 - hahare, mamalo/netai

GØ - yayare, yayalo / yuware, yuwalo

C. Relações de afinidade:

G+1 / G-1 - kokore, kekero / nodaese-nodaexo, tawiyi-tawiro - niñatokwe (netai-atokwe), niñaserõ (netai-aserõ) / notene¹⁵, noxinetõ

GØ - nowatore-nowatolo/nowatore-nowatolo, hanui (nerani)/ hanui (neranetõ)

- netai-ekokwe, netai-akero/tawiyi-ene, tawirõ-ene¹⁶

D. Relações entre afins de afins:

GØ - noheroi/noheroi

nodaese-akero, nodaxo-akero/ tawiyi-ekokwe, tawiro-ekokwe

É preciso assinalar que a terminologia em questão define uma série de relações (A,B,C supra) que são, de alguma forma, compatíveis com sistemas como este, uma vez que todas elas

¹⁵ A categoria "notene" é possivelmente derivada de *noxl-ene ("pai de neto[a]), já que é tomada como a forma masculina relativa a "noxl-neto" ("mãe de neto[a]).

¹⁶ Curiosamente, as formas *nodaise-neto e nodaxo-neto foram recusadas pelos falantes nativos.

se conformam ao padrão binário de base gerado pela oposição entre dois tipos de parentes, os consangüíneos e os afins. As relações D (*supra*), ao contrário, evocam um ternarismo, o que, evidentemente salta aos olhos em um sistema de duas seções. Este ternarismo pode servir de pista para a compreensão de aspectos importantes não só do parentesco enawene-nawe, mas ainda de sistemas amazônicos do mesmo tipo. A questão pode ser brevemente enunciada da seguinte maneira:

3. Cálculo de parentesco e estrutura social enawene-nawe:¹⁷

Como se sabe, os sistemas de duas seções, dividem o campo dos parentes em dois hemisférios opostos e complementares, o dos afins e o dos consangüíneos. Em outras regiões do mundo, como por exemplo na Índia do sul e Austrália, tais categorias, regidas por um princípio de circularidade (ou do “terceiro excluído”), constituem predicados contraditórios que podem ser definidos da seguinte maneira:

Sejam dois grupos de germanos de ambos os sexos ligados por uma relação de casamento. Para um indivíduo qualquer do diagrama acima, são “afins” os demais indivíduos cuja ligação passa pela relação de casamento, e são “não-afins” (“consangüíneos”) os demais. Em resumo, “H, W, WZ, WB, HZ, HB” são “afins”, “B, Z” são “consangüíneos”. As regras de cálculo da afinidade/consangüinidade entre parentes de mesma geração podem ser resumidas nas seguintes proposições:

*o consangüíneo de um consangüíneo é um consangüíneo,
o consangüíneo de um afim é um afim,
o afim de um consangüíneo é um afim,
o afim de um afim é um consangüíneo.*

Além disso, em uma mesma geração, para efeito de cálculo de parentesco, um consangüíneo de sexo oposto é equivalente a um afim do mesmo sexo, assim como um afim de sexo oposto é equivalente a um consangüíneo de mesmo sexo. Porém, o dado principal a ser considerado aqui se traduz no fato de que o sistema, em suas versões clássicas, é rigorosamente circular. Dito de outra maneira, a distância genealógica de um parente, medida pelo número e pelos tipos de parentes de ligação, constitui um parâmetro absolutamente irrelevante para efeitos do cálculo classificatório.

Como havia observado em uma pesquisa anterior (Cf. Silva, M. 1993a e 1993b), a versão sul americana dos sistemas de duas seções pode operar independente de um princípio de circularidade, característico apenas das variantes asiáticas e australianas. Isto posto, é hora de voltar ao dado etnográfico enawene-nawe, mais precisamente às *relações entre afins de afins* (ver item D *supra*) e observar as conseqüências deste ponto:

As categorias **nodaese-akero** e **nodaxo-akero** podem ser traduzidas como “sogra de genro” e “sogra de nora” [de um homem] respectivamente (**akero** é a forma de 3ª pessoa relativa a **kekero** [ver *supra*]). Analogamente, as categorias **tawiyi-ekokwe** e **tawiro-ekokwe** significam (aproximadamente) “sogro de genro” e “sogro de nora” [de uma mulher]”. A figura 4 abaixo traduz em um diagrama genealógico estas relações:

A mulher (A) é irmã do pai das crianças (B), que são, por seu turno, filhas da irmã da esposa do homem (C). A mulher (A) classifica as crianças (B) como **tawiyi** e **tawiro**, (“sobrinho-genro” e “sobrinha-nora”, respectivamente), e é por elas classificada como **kekero** (“tia paterna-sogra”). Curiosamente, (A) classifica (C) como **tawiyi-ekokwe** e/ou **tawiro-ekokwe**, “sogro de genro/sogro de nora”. Reciprocamente, (A) é classificada por (C) como **nodaese-akero** e/ou **nodaxo-akero** “sogra de genro/sogra de nora”.

¹⁷ Para uma análise exaustiva do cálculo terminológico de um sistema do mesmo tipo, ver Silva, M 1993a.

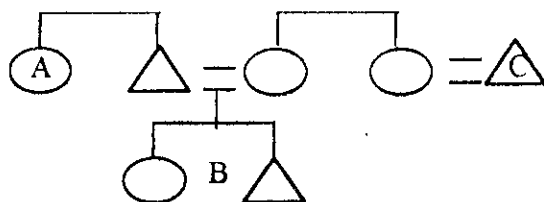


Fig. 4: A relação tawiyi(ro)-ekokwe/nodaese(xo)-akero.

Ora, (C) deveria ser classificado, segundo a lógica binária dos sistemas de duas seções como um “irmão” de (A), exatamente porque (C) se casou com uma mulher equivalente à esposa do irmão de (A). Em outras palavras, porque (C) é precisamente um “afim de afim”. Uma Enawenero-nawe, no entanto, jamais irá considerá-lo um irmão [classificatório], ou, em poucas palavras, jamais irá reduzir a posição de afim de afim a uma posição de consangüinidade, como era de se esperar em sistemas deste tipo.

Observe-se, a seguir, o significado da categoria **noheroi**, que expressa uma relação simétrica entre homens de mesma geração. Segundo a glosa enawene-nawe, dois indivíduos são **noheroi** entre si quando ...**hatuita kokore** (“...tem o mesmo **kokore** [A+1, “sogro, tio materno, etc.]). Assim, os indivíduos (D) e (E) da figura abaixo são **noheroi** um do outro porque têm um **kokore** comum (F).

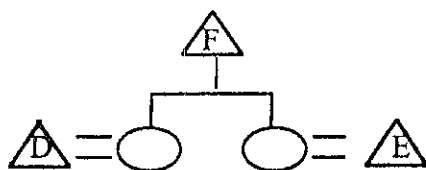


Fig. 5: A relação **noheroi**.

Ora, dois “irmãos” têm, por definição, exatamente os mesmos **kokore**. Entretanto, os **Enawene-Nawe** não consideram em hipótese alguma a categoria **noheroi** como equivalente a **yayare** ou **yware** (eB, yB respectivamente). Apesar disso, a esposa do **noheroi** é sociologicamente equivalente a uma esposa tal como são as esposas dos irmãos. Porém, as irmãs de **noheroi** são análogas às irmãs dos **nowatore** “cunhados-primos cruzados, etc.”, casáveis por definição. Os próprios **Enawene-Nawe** identificam a categoria **noheroi** como a categoria **nowatore**, o que equivale a dizer que a categoria **noheroi** é percebida pelos nativos como um caso particular da relação de afinidade. Porém, os **nowatore** (afins de mesma geração) não podem ter, por definição, os mesmos **kokore** de ego (o **kokore** de meu **nowatore** é, em princípio, meu pai, assim como o meu **kokore** é, em princípio pai de meu **nowatore**). Em resumo, assim como no caso observado acima, os **Enawene-Nawe** não reduzem terminologica ou sociologicamente a posição de afim de afim a uma posição de consangüinidade e tampouco a uma posição de afinidade real (genealógica ou imediata apud. Dumont 1953 e 1957), mas a uma terceira posição, que será denominada aqui de *afinidade potencial*, categoria proposta por Viveiros de Castro. Observe-se como o autor define esta noção: “A afinidade não é ... um conceito simples na Amazônia. É preciso distinguir entre: (1) a afinidade virtual ou cognática (os primos-cruzados, p.ex.); (2) a afinidade efetiva ou atual (os cunhados); (3) a afinidade potencial ou “socio-política” [...] Nos sistemas “dravidianos” ortodoxos [estes três aspectos da afinidade] se confundem, ao menos terminologicamente” (Viveiros de Castro 1993:167-8)

Os dados etnográficos enawene-nawe observados acima sugerem a possibilidade de ocorrência efetiva de um sistema “dravidiano” heterodoxo, capaz de captar com bastante acuidade estes três aspectos da afinidade. Ainda segundo Viveiros de Castro: “O *ternarismo* inerente ao regime concêntrico da sociabilidade amazônica [...] vai encontrar uma manifestação clara na forma daqueles que eu chamaria de “terceiros incluídos”, posições que escapam ao dualismo consangüíneos/afins e parentes/estrangeiros, e que desempenham

funções mediadoras fundamentais.” Chama de fato a atenção, em quase todas as sociedades amazônicas, a importância de relações institucionalizadas que guardam uma referência complexa às categorias e atitudes de parentesco: os pito e pawana caribe, parceiros de trocas comerciais e afins “lógicos” que estão entre o irmão, o cunhado e o inimigo [...]; os ato e ajo alto-xinguanos, “amigos” e “amantes” que duplicam e invertem o idioma da afinidade efetiva [...]; os apihi-pihã araweté, parceiros de partilha de cônjuges [...]; os compadres Piro, escolhidos entre os co-residentes que não sejam consangüíneos próximos ou afins efetivos [...] Estes fatos pedem uma teoria das “relações de não-parentesco” na América do Sul” (Viveiros de Castro 1993:177-8).

4. O regime de trocas matrimoniais:

Entre os **Enawene-Nawe**, os nove clãs patrilineares são conceitualizados como grupos de consangüíneos.¹⁸ Uma vez que o regime de trocas matrimoniais é do tipo multi-bilateral, um clã (X) pode estabelecer aliança de casamento com o clã (Y) que, por sua vez pode também estabelecer aliança de casamento com o clã (Z). Enquanto (X) e (Y) assim como (Y) e (Z) são afins efetivos, (X) e (Y) são afins potenciais (= são não-afins mas com todas as possibilidades de se tornarem afins). As relações expressas pelos termos **GØ - noheroi/noheroi; nodaesakerero, nodaxo-akerero/ tawiyi-ekokwe, tawiro-ekokwe** parecem estar diretamente associadas à ocorrência de um sistema de duas seções em uma sociedade com mais de duas unidades exogâmicas (nove atualmente).

Entre os Paresi, povos vizinhos ao sul do território enawene-nawe e do mesmo grupo lingüístico (aruak), o termo **noheroi** corresponde ao cognato **nohinái**, que os próprio Paresi glosam como “*meu amigo, meu companheiro*”. Segundo esses índios, o termo **nohinái** pode ser traduzido como “parente” apenas em sentido metafórico, servindo, por exemplo, para designar os índios de outras etnias. Ramos Costa 1985:88-90, em sua dissertação sobre esses índios, caracteriza a categoria **nohinái(haré)** como expressão de uma relação-de-não-parentesco, a ponto de identificá-la ao “companheirismo” krahó estudado por Carneiro da Cunha 1978:90. A comparação dos dados enawene-nawe com os dados paresi permitem talvez a formulação de uma hipótese de trabalho na qual os cognatos **noheroi** e **nohinái** corresponderiam aos dois lados de uma mesma moeda: o primeiro corresponde ao menos parente dos parentes¹⁹, o segundo ao mais parente dos não-parentes.

5. Observações finais.

O presente relatório procurou enfocar especialmente a socio-lógica enawene-nawe: a forma interna e as relações dos grupos sociais. A pesquisa antropológica pretende, a partir desses primeiros resultados, se desenvolver, nos próximos três anos, em duas frentes: o estudo da vida ritual e o estudo da cosmologia. Estas observações finais constituem um conjunto de hipóteses de trabalho formuladas com base nos dados coletados até o momento:

Os Enawene-Nawe apresentam uma vida social marcada pela interação do calendário cerimonial e dos ritmos da natureza. O término da estação seca é marcado pelo plantio do milho (agosto), seguido de uma pequena cerimônia de **lerohi** na aldeia e de uma grande expedição de pesca (setembro). No retorno desta expedição, realiza-se uma grande cerimônia de **lerohi** na aldeia (até meados de outubro). Com poucas semanas de intervalo, tem início o

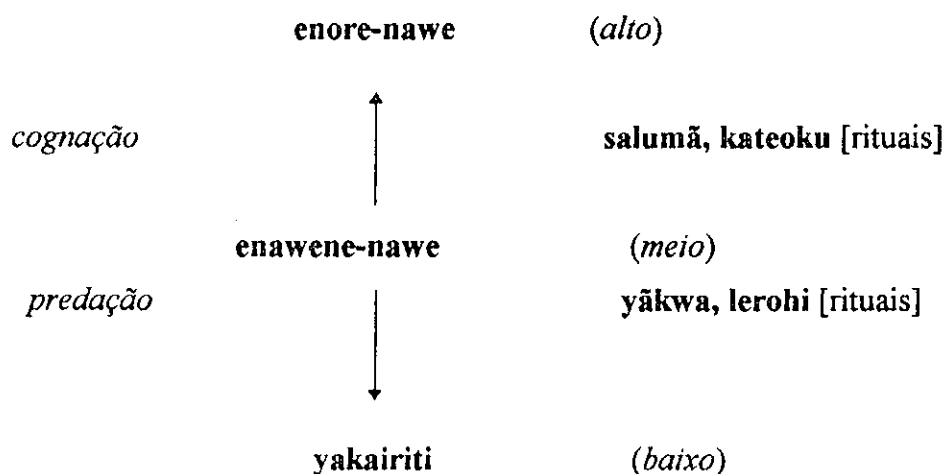
¹⁸ O fato dos clãs serem conceitualizados em termos nativos como grupos de consangüíneos não quer dizer que todos os indivíduos membros de um determinado grupo sejam de fato consangüíneos entre si. Os filhos de mãe solteira, ver *supra*, são incorporados ao grupo do pai da mãe que é, por definição, o grupo de seus tios maternos e primos matrilaterais (todos eles afins genealógicos). Inversamente, é possível ocorrer ligações de consangüinidade entre indivíduos de clãs diferentes. É o caso, por exemplo, dos irmãos uterinos reais ou classificatórios, filhos de homens pertencentes a clãs distintos.

¹⁹ Não devemos esquecer que **noheroi** é uma categoria definida pelos próprios Enawene-nawe com base no parentesco, a saber “indivíduos com o mesmo **kokore** (sogra, irmão da mãe, etc.).

salumã, com uma pequena cerimônia na aldeia, seguida de uma grande expedição de pesca (até meados de novembro). No retorno da pesca, é retomado o ritual do **salumã**, agora com uma grande cerimônia que se prolonga por algumas semanas. Durante mês de janeiro, os Enawene-Nawe organizam os torneios de jogos de bola. Em anos alternados, ocorre o **kateoku** (dezembro), entre o **salumã** e a temporada de jogos. Com o fim dos torneios, realiza-se na aldeia o início do ritual do **yākwa** (fevereiro) e, em seguida, a grande pesca de barragem (até meados de abril). No retorno da pesca, dá-se prosseguimento ao ritual **yākwa** na aldeia, que se prolonga até o início do plantio do milho (julho).

Temos aí quatro grandes rituais: **yākwa**, **lerohi**, **salumã** e **kateoku**. Segundo os Enawene-Nawe, os dois primeiros (**yākwa** e **lerohi**) envolvem os **yakairiti**, enquanto os dois últimos (**salumã** e **kateoku**) envolvem os **enore-nawe**. Os **yakairiti** são seres que habitam o mundo subterrâneo, normalmente sob acidentes topográficos tais como barrancos, morros, ilhas, lagoas, etc..., com os quais os Enawene-Nawe não têm nenhum parentesco. Os **yakairiti** se apresentam sob múltiplas formas (todas elas monstruosas) e se manifestam com diversos nomes. Vivem normalmente solitários e são os responsáveis pelos infortúnios, pelas catástrofes e pelas doenças (são, alguns deles, a própria doença). Se um **yakairiti** tocar um humano, provoca a morte imediata e somente os pajés em transe podem mirá-los. Os **yakairiti** são predadores por excelência.

Os **enore-nawe** são seres, em muitos aspectos, inversos aos **yakairiti**. Em primeiro lugar, moram no extremo oposto, no **eno** (alto, céu). Vivem em sociedade, são brancos (**yuma**), cheirosos (**ayade**) e sempre saudáveis (**mahiña kawé**). Suas mulheres são gordas e formosas (**awalo**). Os **enore-nawe** têm o poder de curar os doentes apenas com o toque das mãos. São, segundo os Enawene-Nawe, os seus ancestrais (**atore/ahiro-nawe**). Depois de morrer, o impulso vital (as pulsações) dos humanos vai para o **eno**, enquanto o corpo é enterrado (entregue aos **yakairiti**). Entre os Enawene-Nawe e os **enore-nawe** postula-se uma relação de contigüidade e cognação. Os **enore-nawe** são os ancestrais (passado) e o devir (futuro) dos Enawene-Nawe. Entre os Enawene-Nawe e os **yakairiti**, ao contrário, não há nenhum parentesco nem “troca” (**etuile**) possível. Durante os rituais do **yākwa** e **lerohi**, os enawene-nawe **hanihani** (“dar sem expectativa de retribuição”) alimentos, aos **yakairiti** para evitar que sejam por eles atacados.



O atual estado das pesquisas sugere a elaboração de uma hipótese de trabalho fundada na noção de *troca* - tema aruak por excelência - ou sua variante enawene-nawe, **etuile**, a fim de descrever dimensões de uma cultura como organização social & parentesco, economia, ritual, cosmologia, etc... como fenômenos de ordens distintas mas aparentemente do mesmo tipo.

Referências

DUMONT, Louis

[1953] 1975 — “Le vocabulaire de parenté dravidien comme expression du mariage”. In: L. Dumont, *Dravidien et Kariera: l’alliance de mariage dans l’Inde du Sud, et en Australie* [pp.85-100]. Paris: Mouton.

[1957] 1975 — “Hiérarchie et alliance de mariage dans la parenté de l’Inde du Sud”. In: L. Dumont, *Dravidien et Kariera: l’alliance de mariage dans l’Inde du Sud, et en Australie* [pp.7-83]. Paris: Mouton.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela

1978 --- *Os mortos e os outros: uma análise do sistema funerário e da noção de pessoa entre os índios krahó*. São Paulo, Hucitec.

LÉVI-STRAUSS, Claude

[1949] 1967 — *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: Mouton [2ª ed.].

OVERING KAPLAN, Joanna

1975 — *The Piaroa, a People of the Orinoco Basin: a study in kinship and marriage*. Oxford: Clarendon Press.

RAMOS COSTA, Romana M.

1985 --- *Cultura e Contato: um estudo da Sociedade Pareci no contexto das relações interétnicas*. Dissertação de Mestrado. MN-UFRJ

RIVIERE, Peter

1969 — *Marriage among the Trio: a principle of social organisation*. Oxford: Clarendon Press.

SILVA, Marcio

1993a - *Romance de primas e primos: uma etnografia do parentesco waimiri-atroari*. Tese de Doutorado. Museu Nacional, UFRJ.

1993b - “Sistemas dravidianos na Amazônia: o caso waimiri-atroari” m.s.

TRAUTMANN, Thomas

1981 — *Dravidian Kinship*. Cambridge: Cambridge University Press.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha

1993 - “Alguns aspectos da afinidade no dravidianato amazônico” in Viveiros de Castro, E.B. e Carneiro da Cunha, M. *Amazônia: etnologia e história indígena*. NHII/USP-FAPESP

YALMAN, Nur

1962 — “The structure of the Sinhalese kindred: a re-examination of the Dravidian terminology”. *American Anthropologist*, 64 (3-1): 548-75.

1967 — *Under the Bo Tree*. Berkeley: University of California Press.